

Colapso e misoginia: da mitologia à perversão via web

Maurício Marx e Silva¹, Porto Alegre

O autor postula que o medo do colapso descrito por Winnicott seja um fenômeno em alguma medida universal, uma decorrência do desamparo inerente à imaturidade humana. Falhas no processo primordial, que constituiriam o núcleo de um narcisismo saudável a partir do espelhamento do duplo homossexual, levariam inevitavelmente a algum grau de ambivalência contra o feminino, um núcleo misógino. Para desenvolver este argumento, é feito um apanhado desde o mito chinês da deusa mãe Nüwa, criadora da humanidade e salvadora do colapso cósmico, passando pelas perseguições contra o poder da mulher na Idade Média sob o pretexto de bruxaria e chegando às manifestações modernas da misoginia entre homens e mulheres. Vinhetas construídas com base em situações reais são apresentadas para ilustrar a relação postulada do colapso com a misoginia.

Palavras-chaves: Colapso; Misoginia; Mitologia; Desamparo; Perversão; Tíndaro; Chuva dourada

¹ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

– *Vosmecê que lê nos livros é que sabe, padre.
Não me pergunte.*

– *Se Deus tivesse abandonado o mundo, o dia
não seguia a noite, o pão não alimentava mais
o corpo, o ar se sumia, as plantas não cresciam
mais, os astros se chocavam no espaço e o
mundo acabava...*

*Mas antes do mundo acabar – pensava Rodrigo
– tenho que dormir com Bibiana Terra. E de
novo sentiu fome. (Verissimo, 1949/1995,
p. 105)*

Assim como os sonhos constituíam-se, para Freud, na via régia para acessar o inconsciente individual, os mitos parecem ter se constituído para a humanidade como o principal meio para a figurabilidade de suas fantasias infantis universais. Alguém poderia lembrar a arte como candidata a este lugar, com razão, mas creio que mitologia e arte, se não são o mesmo campo, pelo menos possuem uma nítida intersecção.

Mitologia antiga, hindu, egípcia, grega ou chinesa; mitologia posterior, cristã, judaica, celta ou muçulmana; mitologias recentes, à escolha, todas contaram com rapsodos, poetas e artistas plásticos para representá-las, no trabalho coletivo contínuo e fascinante de figurabilidade do *Sapiens*.

“Naturalmente, se o que eu digo tem em si verdade, esta já terá sido tratada pelos poetas do mundo...” (Winnicott, 1963/1994, p. 70)². Esta afirmação de Winnicott em seu artigo derradeiro, “O Medo do Colapso”, chamou a atenção de Ogden a ponto de ele deixar um pouco de lado a sua sobriedade habitual para quase exclamar: “quem além de Winnicott poderia ter escrito estas palavras?” (Ogden, 2014, p. 206). Freud já dissera algo semelhante.

“Naturalmente”, diz Winnicott: bem, se tudo isto é bastante reconhecido a esta altura da literatura psicanalítica, não significa que tal fonte já esteja esgotada, assim como creio que também não o foram os mitos relacionados ao colapso ancestral e ao tema deste trabalho. Talvez sejam semelhantes a uma fonte mítica, inesgotáveis. Porém, como lembrou Winnicott logo após, os flashes de compreensão

² Para discussão da data de escrita deste trabalho, vide Ogden 2014.

que vem da poesia não nos absolvem da tarefa penosa de trilhar o caminho desde a ignorância até o nosso objetivo científico.

No início Nüwa criou a humanidade...

Na mitologia chinesa, apesar de, como ocorre em todas as mitologias, existirem diversas versões, há um mito fundante onipresente, no qual uma divindade feminina todo-poderosa, a grande mãe Nüwa³, cabeça de mulher e corpo de dragão, cria seus filhos, que constituem toda a humanidade, moldando-os a partir da terra amarela. Aqueles moldados pelas próprias mãos de Nüwa seriam os mais afortunados, enquanto os criados a partir da terra respingada depois que ela se cansou tornaram-se os desprivilegiados. Ou seja, desde os primórdios reconheceu-se que haveria filhos menos investidos... (Yang & Deming, 2005).

Durante a Revolução Cultural Maoísta (Schell, 2018), a devoção a Nüwa sofreu grande repressão, assim como quase toda a expressão de religiosidade chinesa, com a destruição de templos e a proibição de festivais, mas persistiu em recantos e na intimidade, o que começa a ressurgir atualmente, inclusive com a reconstrução de alguns dos templos outrora destruídos. Também persistiram alguns festivais com danças reservadas às mulheres, em especial as pertencentes à etnia Han (Yang & Deming, 2005).



Figura 1: Estátua representando a divindade Nüwa (Google Imagens, 2020).

³ Não confundir com Nü Wa, entidade diferente da mitologia chinesa.



Figura 2: Festival de dança em devoção à Nüwa (Google Imagens, 2020).

“Empoderada” era Nüwa, diria-se hoje... mas, a história segue: no início dos tempos, devido à briga entre alguns deuses, eles colidiram com as montanhas que constituíam os 4 pilares de sustentação do céu e este ruuiu. A terra também se rompeu, em razão do colapso do céu, e incêndios começaram a devastá-la, acompanhados de enchentes. Instalou-se o caos cósmico, no qual as criaturas de Nüwa, especialmente as mais desamparadas, crianças e velhos, eram atacadas por bestas selvagens e passavam fome. Não lembra o cenário pintado pelo padre para o capitão Rodrigo na epígrafe de Veríssimo (1949/1995)?

Ao testemunhar o colapso do mundo, Nüwa apiedou-se de suas criaturas e veio em socorro. Para reparar o firmamento, Nüwa fez um amálgama de rochas de 5 cores, o que explica o motivo de até hoje as nuvens ao crepúsculo ficarem coloridas, mostrando os resquícios do amálgama salvador. Para estabilizar a terra, a deusa cortou as 4 patas de uma tartaruga gigante, usando-as como pilares substitutos das montanhas destruídas. Desta façanha de engenharia primeva resultou que os rios fluíam a partir das montanhas, as quais eram sustentadas pelas patas traseiras, maiores, para o litoral, sustentado pelas patas dianteiras, menores.



Nüwa was mending the sky. Originally drawn in the 17th century by Xiao Yuncong. (Yang Lihui, Rethinking in the Source Area of the Cult of Nüwa. Beijing Shifan Daxue Chubanshe, 1999)

Figura 3: *Nüwa consertando o céu*. Originalmente desenhada no Século XVII por Xiao Yuncong – Yang Lihui.

Coleção do National Palace Museum, Taipei (Google Imagens, 2020).

Como a mitologia oriental esteve praticamente ausente dos currículos ocidentais até agora, ao menos dos brasileiros, acredito que poucos leitores terão tido conhecimento destes mitos. Contudo, certamente terão familiaridade com o cenário descrito por inúmeras produções culturais e pela clínica dos sonhos e sintomas, tanto de seus pacientes quanto das próprias análises. Tanto Winnicott,

Maurício Marx e Silva

ao descrever o medo do colapso, quanto os diversos autores que se detiveram em desenvolver seu insight brilhante (Ogden, Green, Bollas, Faimberg, só para citar alguns recentes) ressaltaram que aquilo descrito em suas formas mais patológicas estaria presente em todos nós em algum grau, o suficiente para nos permitir compreender os pacientes e nos identificarmos com as produções culturais. Desde as alucinações hipnagógicas de perda de sustentação até os sonhos de perder o chão, acrofobias, alguns pânicos do apagar da luz, todos podem remeter ao quadro de pesadelo pintado pelo padre para o capitão Rodrigo na epígrafe.

Quem não teve o prazer de conhecer os quadrinhos de Asterix e dos irreduzíveis gauleses, que davam surras hilariantes nas legiões romanas ao utilizarem uma poção mágica, feita pelo feiticeiro da aldeia, e não tinham nenhum medo a não ser que o céu caísse sobre suas cabeças? Menos conhecido é o fato histórico que lhe serviu de possível inspiração: Numantia, cidade de iberoceitas, resistiu bravamente por anos às legiões romanas até cerca de 133 a. C., quando o imperador determinou que a cidade fosse cercada e morta à míngua. Ao final, a maior parte da população optou por queimar a cidade e cometer suicídio coletivo para não se tornar escrava.

O uso de poções mágicas para lidar com a percepção do desamparo e da pequenez, de forma maníaca, é milenar. Em algumas versões do mito, Nüwa, condoída pela fome de suas criaturas, vem salvá-las com seu leite. Até hoje o povo vai aos templos fazer pedidos de ajuda para Nüwa por causa de dificuldades econômicas ou de outros tipos (Yang & Deming, 2005). A tradição das poções passa pelo unguento voador das feiticeiras (vide adiante) e chega até a epidemia de crack, cocaína e opiáceos na atualidade.

Cangjie, a criação da escrita e a misoginia ancestral

A riqueza do mito da Nüwa está longe de ter se esgotado. Os próximos capítulos são ainda mais intrigantes: Cangjie foi um herói mítico da cultura chinesa, inventor da escrita. Ele tinha quatro olhos, e o fato de escrever desde que nasceu e posteriormente inventar a escrita não significa nenhuma contradição. É a lógica do inconsciente. Mas, enfim, a criação da escrita foi um evento tão fantástico que os céus providenciaram uma chuva de milho (porque previram que as pessoas ficariam extasiadas ao ponto de esquecerem de plantar, o que causaria fome) e os espíritos começaram a chorar (pois pressentiram não só a perda do seu prestígio, mas também que poderiam ser difamados através dela).

Cangjie observou a natureza e passou a reproduzi-la nos ideogramas.

Começou pelos ideogramas que representavam o homem e a mulher. Aparentemente ressentido contra o feminino, Cangjie logo tratou de derivar do ideograma da mulher, acrescentando, ao lado dele, toda a sorte de caracteres compostos que remetiam a atributos negativos (perversidade, demônio, inveja, maldade, prostituta...), a ponto de Nüwa precisar intervir, denunciando a misoginia e exigindo que Cangjie derivasse, a partir do ideograma da mulher, coisas positivas. O que ele criou? Os caracteres para representar mãe e bondade (Yang & Deming, 2005).

Em um site contemporâneo de discussão de questões da cultura chinesa, uma participante tentou levantar a discussão das implicações do machismo dos ideogramas que associam o caractere para a mulher a outro para criar palavras negativas sobre a educação das crianças. Exemplificou:

“婪”[greedy], “嫉”[envy], “妒”[envy], “嫌”[dislike], “佞”[to flatter],
 “妄”[presumptuous], “妖”[evil], “奴”[slave], “妓”[prostitute],
 “娼”[prostitute], “奸”[rape], “嫖”[prostitute].

“Ganância, inveja, desgostar, bajular, presunção, mal, escravidão, prostituição, estupro” (Chinasmack.com, 2010).

Foi logo atacada com ofensas misóginas pelos participantes. Em um artigo no New York Times sobre a repressão governamental contra as chinesas que tentam denunciar assédio e estupro por parte de homens em posições hierárquicas superiores, os jornalistas relembrou uma frase célebre de Mao (Mou & Hernández, 2018). Ao disfarçar a misoginia no Partido Comunista, ele disse que “as mulheres sustentam metade do céu”. De acordo com o mito de Nüwa, parece ser muito mais do que a metade... Mas, então por que este mito conecta a grande mãe criadora e salvadora do colapso com a denúncia da misoginia? Antes de analisar as possíveis relações do colapso com a misoginia, torna-se necessário olhar ainda para outras épocas e culturas.

Um salto para a Idade Média

Perdigão (1992), analisando a religião a serviço da misoginia através do manual da inquisição *Malleus Maleficarum*, o Martelo das Feiticeiras (Sprenger & Kramer, 1489/2018), salienta que o tradutor para o inglês, o clérigo Montague

Maurício Marx e Silva

Summers, ainda em 1946 disse na introdução que o livro é perfeito, escrito sob a égide do eterno! Seria a eternidade da misoginia?

Mais de $\frac{3}{4}$ dos executados pela Santa Madre Igreja, pela Inquisição e pelos protestantes, por toda a Europa e em algumas colônias como a Nova Inglaterra (p. ex., Salem em 1692), eram mulheres. Através de interrogatórios conduzidos sob as mais terríveis torturas, foram obtidas as mais bizarras “confissões” sobre relações sexuais com o diabo e o devoramento de fetos e recém-nascidos. Alegavam que a gordura dos bebês também seria utilizada para a confecção de poções, especialmente o unguento voador, origem da lenda do vôo das bruxas em vassouras.

Reginald Scot, um cavalheiro inglês crítico da Inquisição e que tentava manter a lucidez das autoridades pelos idos de 1584, afirmou: “Por estes dias, dizer ‘ela é uma mulher sábia’ e ‘ela é uma bruxa’ são a mesma coisa” (Barstow, 1994, p. 109). Na verdade, a Igreja procedeu à cisão da figura feminina entre a mãe idealizada e a bruxa demonizada. Transformou a figura geradora feminina em masculina e desvalorizou o papel do feminino, tomando o lugar da mulher que ensombrecia a sua autoridade por ser poderosa, detentora da sabedoria, dos remédios, conselheira. Como ressaltou Barstow (1994), as feiticeiras sofreram uma transformação, ou melhor, um rebaixamento, eis que foram progressivamente esvaziadas de poder e valor, deixando de ser detentoras dos conhecimentos esotéricos sobre medicamentos (a descoberta da Digitalis, até hoje importante na cardiologia, é atribuída a uma bruxa inglesa), partos, amor, curas e proteções de todo o tipo, passando a ser figuras maléficas e perversas. O Deus criador era masculino, restando ao feminino o papel coadjuvante, desde que sob controle, virgem, dessexualizado. Teresa de Ávila, para apresentar suas ideias e seus êxtases com a fé, tinha sempre o cuidado de se rebaixar reiteradamente antes, referindo sua condição inferior de mulher para se proteger da Inquisição, a ponto de parafrasear o *Malleus Maleficarum* (Motta e Silva, 2018).

As acusações dos inquisidores eram sempre superssexualizadas, mas também incluíam abortos e devoramento de fetos, além de imputações às bruxas de causarem impotência masculina e até mesmo castração. Historiadores argumentam que, assim, a Igreja enfrentou a competição com o prestígio das curandeiras, além de obter um bode expiatório para a sua impotência em proteger os fiéis contra as pestes e catástrofes, as quais era útil atribuir ao demônio e às bruxas.



Figura 4: *Capricho N° 69: Blow (Sopla)*, de Francisco Goya y Lucientes (1798).
Sabbath das Bruxas, Bruxa sugando o pênis de uma criança ao fundo
(Google Imagens, 2020)

Wicca – unguento voador – quem são as feiticeiras?

Acredita-se que as religiões pagãs de origem celta, que ressurgem hoje com força nos EUA e em outros países sob o nome de Wicca, estariam na origem das crenças em bruxas. Elas se caracterizariam por talvez serem as religiões com maior equivalência de poder feminino/masculino em suas divindades (White, 2016; Klein & Klein, 2017), conectando-se com a antiguidade chinesa, com o culto de Nüwa e com a importância das divindades femininas sugeridas pelas descobertas feitas no

Maurício Marx e Silva

sítio arqueológico neolítico de Çatalhöyük (atual Turquia). Divindades femininas todo-poderosas são cada vez mais reconhecidas pela pesquisa arqueológica dos inícios da civilização, como o registrado no primeiro livro com autor conhecido da humanidade, na verdade, uma autora. Cerca de 2300 a.C., a sacerdotisa suméria Enheduanna registrou em poemas a grandeza da deusa Inanna, inclusive com odes ao poder de sua maravilhosa vulva (Meador, 2000).



Figura 5: *Buddha Belly*. Provável deusa mãe neolítica, cerca 25000 A.C.
(Google Imagens, 2020)

Os wiccans são particularmente observadores dos ciclos da natureza e dos ritmos, e, por causa disso, recebem a simpatia dos millenials com suas preocupações ecológicas. Uma rápida pesquisa nos filmes e livros para jovens ilustra tal constatação: *Crepúsculo*, *Harry Potter*, *Game of Thrones*, *Senhor dos Anéis*... Talvez por dar tanta importância para o feminino, os wiccans tenham sido

perseguidos e demonizados, tornando-se alvo de tendências misóginas. Nisto também se insere a tradição de Lilith, primeira e insubmissa mulher de Adão, que foi demonificada como diaba matadora de crianças, virando a serpente que corrompeu Eva. Foi a primeira feminista da criação, e sofreu a ira do deus patriarcal (Montero, 2008). Dentro do velho retorno do recalcado, podemos encontrar em sites e blogs atuais orações como esta: “Rainha da paixão, libido e desejos (...) meu homem (...) possa ser acorrentado pelos nós espirituais (...) pelo fogo, terra, água e ar, suplico pelo meu desejo que arda em chamas. Lilith, minha deusa, atenda meu pedido” (Postagem em blog, 2018).

Símbolo fálico?



Figura 6: *Engraving of ugly old witch riding broom with a black cat on her back.*

Ilustração do Século XV (Google Imagens, 2020)

Até os caprichos de Goya, inclusive, mostravam representações das bruxas voando em vassouras quase sempre com as palhas para a frente, uma colocação à

Maurício Marx e Silva

frente da vulva. Por que voar em vassouras? Parece que, entre os conhecimentos possuídos pelas feiticeiras, estava a fórmula para o unguento voador, poção composta de ervas alucinógenas dissolvidas em uma base oleosa. Sua composição é motivo de controvérsia até hoje entre os estudiosos, acreditando-se que a fórmula contenha mandrágora, beladona, ergot e opioides. Parece incontroverso que o poder de vôo das bruxas tenha derivado da capacidade de ficar e deixar os “trouxas”⁴ *high* (deixar doidões, fazer viajar). A palha da vassoura era propícia para mexer a poção e servi-la. A partir daí a fantasia dos inquisidores sugeriu que as feiticeiras utilizavam o unguento em orgias sexuais e o absorviam pela vagina, por isto sentavam nuas na vassoura para “voar”. Os mitos sobre unguentos mágicos que fazem voar remontam à Grécia antiga e à Hera, rainha do Olimpo, deusa das mulheres e da procriação.

Em um processo icônico da Igreja contra a Dama Alice Kyteler, em 1324, na Irlanda, teria ficado “provado”, segundo os julgadores, a sua participação em orgias sexuais com o demônio através de confissão obtida – sob tortura, evidentemente – da sua serviçal, Petronilla de Meath. O processo foi movido por familiares dos falecidos maridos da rica viúva, os quais disputavam com ela a herança, acusando-a de ter enfeitado e envenenado os maridos. Petronilla foi providencialmente queimada na fogueira logo após a confissão, acusada de cúmplice. Alice conseguiu escapar a tempo, embora “despossuída”. Entre as acusações, pesava o testemunho de Petronilla de ter visto “com os próprios olhos” (com quais seriam?) Alice em orgia sexual com o Demônio, que teria tomado a forma de 3 homens negros (*praedictus daemon tertius aethiopum*) com varas de ferro nas mãos! Os historiadores assinalaram a diferença de rigor na punição quando comparada aos homens que cometeram crimes graves no mesmo ano e receberam punições muito mais brandas (Barstow, 1994; Robbins, 2015).

Quando o cabo da vassoura passou para a frente?

Não é possível saber com exatidão a resposta para tal pergunta, apenas que foi uma mudança relativamente recente, muito provável no início do século XIX. Menos de um século antes do nascimento de Freud, a vassoura utilizada para voar foi transformada de símbolo da vulva em um símbolo fálico, ilustrando o processo de expropriação do poder feminino. Em 1799, Goya ainda desenhou nos *Caprichos* o voo de duas bruxas, professora e aprendiz, com as palhas para a frente.

⁴ Muggles: em *Harry Potter*, como chamam os não bruxos.



Figura 7: *Capricho N° 68: Two naked witches riding on a broomstick accompanied by an owl*, de Francisco Goya y Lucientes (1796/1798) (Google Imagens, 2020)

Perdigão (1992) assinala que o mito das bruxas oferecia, ao mesmo tempo, uma personificação externa para as ansiedades primitivas do populacho e um bode expiatório conveniente para as autoridades, pois o Deus todo-poderoso da igreja não conseguia oferecer proteção contra as inúmeras calamidades que se abatiam sobre o povo. A mulher-diabo tornava-se assim o perfeito bode expiatório. Sim, mas por que as mulheres? E por que, embora os homens fossem os principais responsáveis pela opressão perversa, eles contavam frequentemente com o apoio também de outras mulheres?

A misoginia e o ressentimento contra o feminino todo-poderoso

Tomás de Aquino racionalizou o roubo das capacidades femininas: “na procriação é o homem que exerce o papel positivo, sua parceira é apenas um

Maurício Marx e Silva

receptáculo. Na verdade, existe apenas um sexo, o masculino. A fêmea é um macho defeituoso” (Perdigão, 1992, p. 546). Um ato violento institucionalizado de “introjeção extrativa”, na terminologia de Bollas (1987/2011).

O papel da homossexualidade inconsciente nas fantasias paranoides dos inquisidores é com frequência ressaltado. Porém, pelo seu funcionamento evidentemente perverso, estes aspectos talvez fossem, como observamos na clínica das perversões, conscientes. São dissociados e não integrados, mas não recalçados, o que levaria à inconsciência. Inconscientes seriam as fantasias terroríficas subjacentes à violenta ambivalência contra o feminino.

Uma das afirmações dos inquisidores, era que as feiticeiras teriam confessado (sob coação e após as mais cruéis torturas, obviamente) um enorme êxtase na cópula com o demônio, que inclusive teria um pênis bifurcado capaz de penetrar a vagina e o ânus ao mesmo tempo. O tema do êxtase na cópula com um ser sobrenatural superpotente é recorrente na mitologia (vide adiante as cópulas de Zeus com ninfas e mortais), assim como é central em certas fantasias sexuais evidenciadas em algumas práticas perversas, como na Síndrome de Tíndaro ou na chuva dourada, as quais examinarei mais adiante.

No entanto, por que estas fantasias homossexuais⁵ adquirem um caráter carregado de ódio paranoide com tamanha facilidade e de forma tão onipresente na humanidade? Onipresente porque quase todas as religiões, entre outras manifestações culturais, em todos os locais e épocas, possuem características nitidamente misóginas, mantendo figuras femininas idealizadas nos rituais enquanto que, em sua prática, as mulheres são submetidas ao controle do corpo e rebaixadas na hierarquia. Será que a análise de situações perversas individuais seria capaz de nos fornecer pistas para a compreensão de um fenômeno tão universal? Teria esta propensão para a misoginia uma conexão com outros fenômenos característicos do desenvolvimento e da natureza humana?

O colapso como inerente à natureza humana em alguma medida

Freud enfatizou a *Hilflosigkeit*, o desamparo derivado do fato biológico que ele acreditava ser a prematuridade do nascimento humano. O conhecimento científico posterior elucidou não se tratar de nascimento prematuro, mas sim de *neotenia*, ou seja, de mutações genéticas que dotaram o *homo sapiens* com características permanentes de imaturidade em comparação a outros primatas e

⁵ Não estou aqui me referindo à homossexualidade, mas àquelas fantasias homossexuais não integradas em quaisquer indivíduos.

mamíferos, não só no início da vida. O eminente neurocientista Jean-Didier Vincent (2003), chamado em debate a opinar sobre o que mais caracterizaria o ser humano, optou pela neotenia e as suas consequências comportamentais, principalmente a extrema dependência, algo que também já havia sido ressaltado por Stephen Jay Gould (1985) no clássico *Ontogeny and phylogeny*.

A neotenia comportamental daria a base biológica para a *Hilflosigkeit* freudiana, para a dependência absoluta de Winnicott e para a vulnerabilidade em razão da onipresença do medo do colapso. Lacan (1949/1999) também mencionou a neotenia em seu artigo sobre o estágio do espelho, referindo-a pelo antigo nome de fetalização. Acredito que desta imaturidade intrínseca derive a inevitabilidade de algum grau de falha no processo de espelhamento primitivo de constituição do núcleo narcísico da homossexualidade em duplo (Roussillon, 2010). Assim, todos teríamos alguma experiência do colapso, o que faz com que possamos entender o descrito por Winnicott (Ogden, 2014) e também a ambivalência contra o feminino. Isto poderia explicar, ao menos em parte, a tendência tão disseminada nas mais diversas culturas para a misoginia.

O mito de Nüwa teria capturado esta vicissitude original, inescapável, da espécie humana? Há correspondentes em outras mitologias ou nos mitos do dilúvio hindus, egípcios e judaicos?

Na mitologia hindu, assim como na chinesa, a catástrofe primeva é representada por incêndio e dilúvio, quando o peixe mítico Matsya aparece avisando do dilúvio a Manu (que representa toda a humanidade). Matsya fica gigante e salva a humanidade, ajudando Manu a puxar o barco com representantes de todos os animais em um oceano de leite! Leite que, entretanto, não alimenta, até ser batido e se transformar em ambrosia! Até lá, além do dilúvio, há fome (Clément, 2005).

O feminino e o masculino são muitas vezes fusionados na mitologia hindu, por exemplo, com Shiva (que, junto com Brahma e Vishnu, é um dos elementos da trindade criadora Trimurti), frequentemente representado com um lado do peito com seio e o outro com um tórax masculino, além dos quatro braços. Depois surge Kurma, a tartaruga, para resgatar o que ficou perdido no fundo do oceano de leite que não pode ser bebido. Os temas mitológicos se repetem.

Na criação do mundo segundo a mitologia egípcia, no início havia somente a imensidão de água, e nem mesmo a luz existia. Desta água, começaram a surgir os deuses e deusas, sendo uma das primeiras e principais a “mãe Nut”, que todo dia engolia o sol e o expelia, passando-o através do seu corpo. Ela representava o firmamento, sob o qual tudo jazia, provendo comida e bebida também para os mortos, que retornavam ao desamparo infantil na passagem para o além. Sua imagem era colocada no interior da tampa dos caixões para protegê-los (Seton-

Maurício Marx e Silva

Williams, 1988). Como no mito de Nüwa, o desamparo e o medo do colapso aparecem nos extremos da vida, no início e no fim, da mesma forma descrita por Winnicott. O colapso temido no futuro e acontecido no passado. O apocalipse bíblico, assim como os temores de fim de mundo que volta e meia ressurgem com nova roupagem (colisão com asteróide, epidemia de novo vírus, bug do milênio, calendário Maia, etc.), só reiteram esta conexão com o desamparo infantil.



Figura 8: Deusa egípcia Nut, em papiro de c. 1000 a.C. – inspirada pela via Láctea (Google Imagens, 2020)

Poderíamos postular que um núcleo primitivo de misoginia seria uma derivação do ódio ocasionado pela percepção traumática do colapso na dependência, surgida como decorrência das falhas inevitáveis no processo de espelhamento primário? Um núcleo onipresente em algum grau em todos nós, homens e mulheres, variando desde o despercebido e negligenciável (mas, ainda assim, matizado de ambivalência) até o mais terrivelmente maligno? O colapso forçaria uma percepção prematura da alteridade. *A mãe imposta, ao invés do ainda necessário espelhamento de si, seria rechaçada com ódio.*

Lembremos que a base oleosa do unguento voador, na fantasia dos inquisidores e do povo levado pelo frenesi da bruxaria, era feita da gordura de fetos e crianças pequenas mortas pelas bruxas. As descrições escritas e pictóricas são abundantes e inequívocas, e, nas gravuras e pinturas de Goya, chegam até o século XIX.



Figura 9: *Capricho N° 45: Mucho hay que chupar*, de Francisco Goya y Lucientes, Museo del Prado – Bruxas sugando fetos e neonatos (Google Imagens, 2020)

Que papel teria tido, no frenesi contra as supostas bruxas, a identificação com os fetos e bebês mortos? Elas eram as parteiras e curandeiras em uma época de mortalidade infantil maciça, pestes, todo o tipo de doenças infecciosas e parasitárias confrontando terrivelmente com o desamparo. Por que, dentre todas as fontes de gordura para a base do unguento voador, a fantasia dos acusadores escolheu justamente esta, tão representativa dos terrores infantis e da *Hilflosigkeit*?

A misoginia na contemporaneidade: banalização e anestesia

No site de uma das maiores livrarias do Brasil, nos comentários sobre o *Malleus Maleficarum*, encontrei um leitor que encerrava o seu texto da seguinte forma: “sentenciada à morte e condenada à fogueira, Walpurga confessou o sacrifício de mais de 40 bebês. Não se enganem, o mal é real e verdadeiro. A igreja não se orgulha dos seus métodos, mas eles foram necessários”. Tinha sido postado há meses e não fora contestado. Manifestação isolada de um paranóico?

Maurício Marx e Silva

E os ativistas ferozes contra a legalização do aborto? E as bancadas religiosas do Congresso Nacional?

O site da Organização Mundial da Saúde, atualizado em 2020, registra que existem mais de 200 milhões (!) de meninas e mulheres atualmente que sofreram mutilação genital (WHO, *fact sheet*). Meio milhão nos EUA, e outro tanto na Europa, ou sofreu ou está em risco imediato. As consequências físicas e psíquicas são terríveis. Apesar disso, tais mutilações geralmente são perpetradas por mulheres das comunidades.

Mesmo nas situações mais insuspeitas ocorreram denúncias surpreendentes. A Dra. Paula Johnson, destacada professora e pesquisadora da Faculdade de Medicina de Harvard, denunciou o sexismo na pesquisa de medicamentos. Apesar de há algum tempo ser sabido que os medicamentos se comportam diferentemente nas células femininas, as cobaias utilizadas nas pesquisas são quase unicamente machos, pois não apresentam as inconvenientes variações no ciclo. Descobriu-se que muitos medicamentos que funcionam nos machos são praticamente ineficazes em fêmeas, mas isto é omitido dos resultados.

Repórteres do New York Times denunciaram a forte repressão feita contra as chinesas que tentaram adotar o #metoo na China (Mou & Hernández, 2018). O Washington Post denunciou a misoginia interiorizada mesmo em mulheres que são CEOs de grandes empresas ocidentais (Moore, 2018). Será tão inocente que um dos carros-chefe da campanha de Donald Trump nas redes sociais o retratava perseguindo Hillary Clinton representada como bruxa?



Figura 10: *Donald Trump – Crooked Hillary*, de Ben Garrison (Google Imagens, 2020)

O Trumpismo, assim como seus correlatos ao redor do mundo, parece ter algumas conexões inquietantes com o tema destas reflexões. Recentemente, a revista Newsweek sugeriu que o chamado “Dossier Chuva Dourada” que Vladimir Putin teria contra Trump, com uma fita dele recebendo a tal “chuva”, poderia não ser apenas um boato (Price, 2017). Chuva dourada?

Síndrome de Tíndaro e “chuva dourada”

A vinheta a seguir é ficcional, construída a partir da síntese de algumas situações da clínica, de supervisão e de relatos de caso da literatura, especialmente de McSweeny (1976). Evidencia a necessidade de um duplo homossexual detentor da potência e a concomitante fantasia da sexualidade feminina como assustadoramente insaciável, da mesma forma que o mito de Tíndaro, Leda e o cisne-Zeus:

O comportamento de T. durante as relações sexuais é descrito por L., a namorada, como compulsivo. Após alguns meses de namoro, T. começa a pedir para que ela imagine e fale durante a relação que estava transando com outros, ora fantasias, ora conhecidos. Passa a se recusar a gozar no seu interior, esperando ela ter o orgasmo para retirar o pênis e então se masturbar, ejaculando sobre ela. Se não for desta maneira, T. não mais se excita. Coagida por T., ela racionaliza ser normal que os casais tenham fantasias sexuais, e que seu incômodo refletiria uma inibição pessoal. Após algum tempo, T. passa a propor que chamem concretamente outros homens para terem relações com ela antes dele. L. cogita aceitar, já que T. é muito insistente e transforma a relutância dela em rótulos depreciativos, tratando-a como inibida e puritana. L. acaba por recusar esta última proposta, mas, por um período, aceita em troca que outro homem participe das relações deles através da internet, por sites de voyeurs. Além da necessidade de introduzir outros homens na relação, T. pede que L. urine sobre ele ou em sua boca durante a relação sexual, ficando muito excitado nas vezes em que ela cede à sua insistência. Quando L. passa a não aceitar esta forma também, sem conseguir mais coagi-la, T. primeiro tenta se sustentar aumentando o uso de cocaína, mas, após algum tempo, entra em colapso, não consegue sair da cama, chora o dia inteiro e finalmente procura atendimento para si. Procura uma analista mulher, mas esconde dela o seu comportamento sexual.

McSweeny (1976) descreve diversos casos do chamado “fenômeno Tíndaro”, sugerindo serem muito mais frequentes do que se supõe. O nome da síndrome novamente vem da mitologia. Tíndaro, lendário rei de Esparta, teve a esposa Leda fecundada por Zeus, metamorfoseado em cisne, pouco antes de ele

Maurício Marx e Silva

próprio ter relações com ela, após encontrá-la ainda muito excitada da cópula com o deus. Desta dupla cópula, teriam nascido quadrigêmeos dentro de ovos, dois de Zeus e dois de Tíndaro. Os de Zeus naturalmente eram semideuses, um deles a famosa Helena (Ovídio, 8 d.C./1983). Tais metamorfoses eram estratégia corriqueira do superpotente Zeus para copular com belas mortais. Outro caso célebre foi a sua metamorfose em “chuva dourada” para fecundar a princesa Danaë, cujo êxtase foi magistralmente figurado por Gustav Klimt em 1907, em sua “fase dourada”. Desta cópula foi gerado o semideus Perseus (Kalogeraki, 1993). O tema de “Leda e o cisne” foi pintado inúmeras vezes, assim como o de Danaë e a chuva dourada.



Figura 11: *A fecundação de Danaë*, de Gustav Klimt (1907) (Google Imagens, 2020)



Figura 12: *Zeus como chuva dourada penetrando Danaë* (cerca de 450-425 aC) – cerâmica, Museu do Louvre. (Google Imagens, 2020)

Black mirror, o espelho do vampiro: hemorragia narcísica

Nem é preciso descer ao inferno da Darknet. Ficando só no *black mirror* da internet comum, é possível facilmente encontrar sites utilizados por homens como aquele representado na vinheta. Isto só pode significar que a psicodinâmica subjacente à síndrome de Tíndaro não seja nada rara, algo que McSweeny já sugeria na década de 70.

Como já foi dito, a homossexualidade inconsciente sempre foi ressaltada nestes casos. Mas, o que se quer dizer com homossexualidade inconsciente? Creio que ela esteja relacionada à ambivalência contra um feminino aterrorizante, a qual pode ser percebida também nestas breves vinhetas:

A., médica, atormenta-se com frequência por causa da sua suposta feiúra, que acredita justificar sua atitude extremamente agressiva, preconceituosa e desconfiada, tanto nas redes sociais quanto na relação com o analista. De maneira constante, qualifica as sessões como inúteis, onde só fala de “abobrinhas”. Nutre secretamente o devaneio de ser uma atriz erótica irresistível, mas ataca a própria feminilidade de forma reiterada, deixando de cuidar da aparência. Resulta disto que as suas relações são bastante restritas, só a família e algumas amigas também bastante preconceituosas. Teve uma filha em produção independente, que reproduz o comportamento da mãe e tem terrores noturnos nos quais acorda apavorada, pois uma aranha enorme estaria caindo sobre ela na cama. A. tem um potencial nítido para a criatividade artística, plástica, que é constantemente abortado, dando lugar a temores hipocondríacos. Diante de uma separação do analista para viajar até um local com atividade vulcânica, sonhou ver a região onde mora sendo levada por uma gigantesca onda de lava, em um cenário de pesadelo que lembrava muito o colapso do mundo no mito de Nüwa.

Creio que a ambivalência seja contra “o feminino” e não necessariamente, embora de maneira muito mais frequente, contra “a mulher”. A. pode destruir a própria feminilidade por continuar a ser mulher. No campo analítico, por sua vez, podem ser atacados “aspectos femininos da função analítica”, características usualmente associadas ao feminino, na relação com um analista homem. O conceito nunca bem definido do “feminino puro” de Winnicott talvez tenha alguma relação (Green, 2011). O repúdio ao feminino nos homens facilmente desemboca em ideação paranoide:

B., advogado, tem uma fobia intensa a orifícios que lembrem formas orgânicas (tripofobia). Associa estes orifícios com a fantasia de ser infestado e devorado vivo por vermes (buracos de berne e miíase), em um estado de impotência semelhante ao de um bebê abandonado no lixo. Na sessão de véspera do dia das

Maurício Marx e Silva

mães, dorme profundamente no divã. Semidesperta e resmunga, em estado oniróide, que uma mulher o estava interrogando, voltando ao sono profundo, sendo difícil despertá-lo ao final da sessão. Homofóbico, brigão, violento e intimidador com a namorada, possui vida sexual muito pobre.

Roussillon (2010), partindo de Winnicott, sugere que a constituição do núcleo do narcisismo primário e de uma autoestima suficientemente boa comece através do espelhamento materno do duplo homossexual do bebê. Isso pelo fato de que, quando o processo se dá suficientemente bem, no início refletiria algo próximo de um duplo, com pouca invasão dos conteúdos maternos e com sintonia em relação aos estados afetivos do bebê. Ogden parece discordar em parte, opinando que aquilo que o bebê recebe não seria um espelhamento de si, mas sim a metáfora dele criada por sua mãe (Ogden, 2016). Porém, creio que Ogden concordaria que esta metáfora, ao menos por um ângulo inicial, precisa ser bastante assimétrica para o lado do bebê. Uma metáfora é uma comparação implícita, e só funciona se a ligação com a situação original for clara o suficiente para ser entendida sem explicação. A metáfora do bebê refletido pela mãe precisa ser suficientemente semelhante aos estados internos dele para que possa ser aproveitada.

Roussillon (2008) clarifica ainda mais esse processo de espelhamento, que ele caracterizou como “amodal”, ao salientar que o espelhamento que se dá suficientemente bem transmite uma sensação de veracidade e até mesmo de júbilo (citando Lacan no Estágio do Espelho) por não se tratar simplesmente de uma imitação mimética, mas de uma sintonia realizada a partir da assimetria de recursos de expressão emocional entre a mãe e o bebê. Quando o processo vai mal, Roussillon acrescenta, produz um “mal-estar” e um “mal no ser” do bebê. Eu agregaria que este “mal no ser” pode se refletir através de uma exacerbação da ambivalência contra o feminino tanto em homens quanto em mulheres, em uma tendência misógina exacerbada.

Ogden critica Winnicott quanto a achar que a falha seria sempre do ambiente, crítica que Green (2011) também já tinha feito. Creio, porém, que Winnicott não fazia uma culpabilização da mãe ou dos pais, mas olhava a partir da perspectiva radical do bebê. Deste ponto de vista, a mãe tem “a obrigação de ser onipotente, onisciente e inesgotável” por necessidade oriunda da *Hilflosigkeit*. Com sorte, a impossibilidade disto vai lhe ser apresentada de forma gradual, e não catastrófica. No entanto, a sorte depende dos caprichos dos deuses, que não são frequentemente generosos com os pobres mortais.

A ensaísta Kristin Dombek (2016), questionando o que chama de Narcifobia, argumenta que “quem é Narciso depende do ângulo do qual se olha”. Ao buscar uma visão não moralista de Narciso, ela revisa o relato de Ovídio nas *Metamorfoses*,

lembrando que Narciso é fruto de um trauma transgeracional, fruto do estupro que seu pai Céfiso, deus das águas, perpetrou em sua mãe, a ninfa Liríope, que quase morreu por afogamento durante o ato. Na adolescência, Narciso busca refúgio em uma fonte contra o assédio invasivo que sofria, e lá acredita ter se apaixonado por outro que contempla nas águas. Poderia uma mãe estuprada e quase morta espelhar para o filho uma imagem que não fosse o próprio *self* traumatizado? O duplo homossexual não espelhado permaneceria sendo buscado, enquanto a alteridade do feminino, precocemente imposta no lugar do duplo, seria desprezada? Este feminino estaria representado pela pobre ninfa Eco, desprezada por Narciso, privada da própria voz e transformada em pedra?

O que o adolescente Narciso (16 anos na versão de Ovídio) contempla no espelho d'água da fonte? Seria o duplo idealizado faltante? Este duplo estaria do outro lado da *webcam* no Tíndaro moderno? Seria potente como Zeus, gerando filhos semideuses? Ou seria fraturado e impotente, da mesma forma que Tíndaro?



Figura 13: *Tyndareus*, escultura de Per Siwmark – Celeste Prize, 2010.
(Google Imagens, 2020)

Maurício Marx e Silva

A profecia de Tirésias não era que Narciso se apaixonaria por ele próprio, mas que não sobreviveria a conhecer a si mesmo. A praga do adolescente desprezado que recaiu sobre Narciso foi que ele amaria, mas jamais possuiria o objeto desejado (Ovídio, 8 d.C./1983).

O sangue, o investimento libidinal que vai e volta, alimenta a vida. O investimento libidinal que não retorna é hemorrágico e gera uma sensação de absurdo (Marx e Silva, 2015). O espelho d'água da fonte de Narciso parece mais com os olhos da mãe morta (Green, 1980), como o espelho dos vampiros que não retorna imagem nenhuma, em cujo vazio é alucinado o duplo ideal. Este *infans* se expressa pelas palavras do poeta, “tá tudo bem, mãe (eu só tô sangrando)”, título da canção de Bob Dylan de 1963, que coloca a hemorragia assim, entre parênteses. A mitologia dos vampiros, mortos-vivos e zumbis segue tão popular como sempre, basta dar uma navegada no Netflix.

Se o colapso temido é o colapso do vínculo, como sugere Ogden (2014), podemos supor que este colapso nunca seja absoluto. Bollas (2012) alerta que o colapso não suficientemente atendido pode deixar como seqüela um estado da personalidade empobrecido de maneira irremediável. Zumbis, mortos-vivos e anêmicos seriam os desprivilegiados que não foram moldados diretamente pela mão de Nüwa, mas resultaram dos respingos na terra depois que ela se cansou?

Para Roussillon (2010), desistir do objeto pode ficar impossível no caso de uma falha grave, pois equivaleria a renunciar a uma parte de si que permaneceu sequestrada dentro do objeto. Assim, o luto fica paralisado e o desenvolvimento distorcido.

A diferenciação só faz sentido na medida em que for baseada na construção do outro como o duplo do *self*. É porque o outro é concebido inicialmente como um duplo que a diferença pode ser construída de uma maneira que não seja simplesmente uma forma de *splitting* ou repúdio. (p. 284)

Minha conjectura é que, como nossa natureza neotênica nos vulnerabiliza, este processo nunca possa ser perfeito, e que a falha no espelhamento seja vivida como um grau de colapso do vínculo e do *self*. Faimberg interpreta o colapso ao qual Winnicott se refere dessa forma: “o que ele designa aqui como colapso é equivalente a seu conceito de agonia primitiva e implicitamente ele está se referindo ao conceito Freudiano de *Hilflosigkeit* (o desamparo devido à prematuridade)” (Faimberg, 2012, p. 207).

O que proponho é que este colapso traga consigo uma percepção da dependência do feminino vivida de forma ambivalente, constituindo um núcleo

misógino universal, o “*splitting* e repúdio” do qual Roussillon nos fala e que, em graus variados, existiria em todos nós.

Como argumenta a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, questões de gênero são um assunto desconfortável. As pessoas com frequência ficam irritadas, e tanto os homens quanto as mulheres resistem. Por que não falar apenas do humano? Ela responde: porque seria desonesto negar que há questões específicas de gênero e que não são coisas do passado, nem só assunto de mulher (Adichie, 2014). Ou a misoginia existirá, como escreveu o tradutor do Malleus para o inglês, *sub specie aeternitatis*? □

Abstract

Breakdown and misogyny: from mythology to perversion via web

The author suggests that the fear of breakdown is a universal phenomenon, and a consequence of the helplessness inherent to human immaturity. Breakdowns in this early process of constitution of a narcissistic nucleus through the homosensual double mirroring would lead inevitably to some degree of ambivalence against the power of the feminine – a misogynistic nucleus. This hypothesis is developed through a review that begins with the Chinese myth of the goddess Nüwa, creator of mankind and savior of cosmic breakdown. Witch hunts of the middle and modern ages are viewed as an attack against the power of the feminine as are the contemporary manifestations of misogyny. Clinical illustrations built upon real situations are presented to explain the relationship between breakdown and misogyny.

Keywords: Breakdown; Misogyny; Mythology; Helplessness; Perversion; Tyndareus; Golden shower

Resumen

Derrumbre y misoginia: entre la mitología y la perversión via web

El autor postula que el miedo al derrumbe descripto por Winnicott sea un fenómeno en alguna medida universal, consecuencia del desamparo inherente a la inmadurez humana. Fallas en el proceso primordial que constituirían el núcleo de un narcisismo saludable, a partir de la visión espejada del doble homosensual, llevarían inevitablemente a algún grado de ambivalencia contra lo feminine, un

Maurício Marx e Silva

núcleo misógino. Para desenvolver este argumento, es hecho un recorrido desde el mito chino de la diosa madre Nüwa, creadora de la humanidad y salvadora del colapso cósmico, pasando por las persecuciones contra el poder de la mujer en la Edad Media y Moderna, bajo el pretext de brujería, llegando a las manifestaciones modernas de la misoginia, entre hombres y mujeres. Viñetas construidas a partir de situaciones reales son presentadas para ilustrar la relación postulada del derrumbe con la misoginia.

Palabras clave: Derrumbe; Misoginia; Mitología; Desamparo; Perversión; Tindáreo; Lluvia dorada

Referências

- Adichie, C.N. (2014). *We should all be feminists*. London: Fourth Estate.
- Barstow, A.L. (1994). *Witchcraze: a new history of european witch hunts*. London: Harpercollins.
- Bollas, C. (2011). Extractive introjection In *The Christopher Bollas reader*. London: Routledge. (Original work published in 1987)
- Bollas, C. (2012). *Catch them before they fall: the psychoanalysis of breakdown*. London: Routledge.
- Clément, C. (2005). *Promenade avec les Dieux de l'Inde*. Paris: Éditions du Panama.
- Deusa Lilith (2018, 1 de agosto). *Oração de amarração – Deusa Lilith* [Web log post]. Recuperado de <http://agradeceradeusalilith.blogspot.com/>.
- Dombek, K. (2016). *The selfishness of others: an essay on the fear of narcissism*. New York: Farrar, Straus & Giroux.
- Faimberg, H. (2013). Nachträglichkeit and 'Fear of breakdown' In *Donald Winnicott Today*. London: Routledge. (Original work published in 2012)
- Gould, S.J. (1985). *Ontogeny and Phylogeny*. London: Harvard University Press. (Original work published in 1977)
- Green, A. (1980) *La Mère Morte, Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris : Les Éditions de Minuit, 2007.
- Green, A. (2011). Origines et vicissitudes de l'Être dans l'oeuvre de Winnicott. *Revue Française de Psychanalyse*, 75 (4), 1151-70.
- Kalogeraki, S. (1993). *Eros: Love Life in Ancient Greece*. Rethymno: Mediterraneo.
- Klein, R.L. & Klein, P.L. (2017). *The anthropology of religion, magic and witchcraft*, 4th ed., London: Routledge.
- Lacan, J. (1999). Le Stade du Miroir comme formateur de la Fonction du Je. In *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil. (Original work published in 1949)

- Marx e Silva, M. (2015). Sensación de Absurdo y Hemorragia Narcisista: estudio teórico-clínico de algunos estados de retraimiento narcisista. *Revista Psicoanálisis*, 15, 11-35.
- McSweeney, A.J. (1976). The Tyndareus Phenomenon. *Psychiatric Annals*, 6(4), 61-66.
- Meador, B.S. (2000). *Inanna, lady of largest heart – poems of the Sumerian high priestess Enheduanna*, Univ. of Texas Press.
- Montero, R. (2008). *Histórias de mulheres*. Rio de Janeiro: Agir.
- Moore, H. (2018, Feb. 7). Why even females CEOs pitch bad ideas like Lady Doritos. In *The Washington Post*.
- Motta e Silva, M. (2018). *Teresa of Ávila's Rhetoric, Femininity and Self-image*, ensaio apresentado no Wellesley College, não publicado.
- Mou, Z. & Hernández, J. (2018, Jan. 23). “Me Too”, Chinese women say. Not so fast, say the censors. *The New York Times*.
- Ogden, T.H. (2014). Fear of breakdown and the un-lived life. *The International Journal of Psychoanalysis*, 95, 205-223.
- Ogden, T.H. (2016). A conversation with Thomas Ogden. In *Reclaiming Unlived Life*. London: Routledge.
- Ovídio (1983). *As metamorfoses*. Rio de Janeiro: TecnoPrint. (Trabalho original publicado em 8 d.C.)
- Perdigão, H.G. (1992). Mito e Malleus Maleficarum: a misoginia a serviço da religião. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 26 (4), 539-552.
- Price, G. (2017). What’s true in the Trump ‘Golden Shower’ Dossier? Salacious Report Dogged President Throughout. *Newsweek Magazine*, Dec. 21, 2017
- Robbins, R.H. (2015). *The encyclopedia of witchcraft & demonology*. London: Girard & Stewart.
- Roussillon, R. (2008). L’entreje(u) primitif et l’homosexualité primaire “en double”. In *Le jeu et l’entreje(u)*. Paris: Puf.
- Roussillon, R. (2013). Winnicott’s deconstruction of primary narcissism. In *Donald Winnicott Today*. London: Routledge. (Original work published in 2010)
- Schell, O. (2018). China’s Cover-up: when communists rewrite history. *Foreign Affairs*, 97(1).
- Seton-Williams, M. V. (1988). The creation according to Heliopolis. In *Egyptian legends and stories*. London: Stacey International.
- Sprenger, J. & Kramer, H (2018). *Malleus Maleficarum: the witch hammer*. Germany: Jazzybee Verlag. (Original work published in 1489)
- Verissimo, E. (1995). *O tempo e o vento. O continente I*. 31ª ed. São Paulo: Globo. (Publicação original em 1949)
- Vincent, J-D. (2003). L’Homme Interprète Passionné du Monde. In *Qu’est-ce que l’Humain?* Paris: Le Pommier.
- White, E. D. (2016). *Wicca: history, belief and community in modern pagan witchcraft*. Eastbourne, UK: Sussex Academic Press.
- Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso (*Breakdown*). In C. Winnicott, R. Shepherd, & M.

Maurício Marx e Silva

Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas* (pp. 70-76). Porto Alegre: Artes Médicas.
(Trabalho original publicado em 1963)

World Health Organization. (2020, Feb. 3). *Female Genital Mutilation: fact sheet*. Retrieved from
<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/female-genital-mutilation>.

Yang, L. & Deming, A. (2005). *Chinese Mythology*. London: Oxford University Press.

Recebido em 11/05/2020

Aceito em 10/06/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Maurício Marx e Silva

Rua Mostardeiro, 333/514

90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

maurimarx@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA